

DAS VERSÕES DE CADA UM

Livro 23

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal

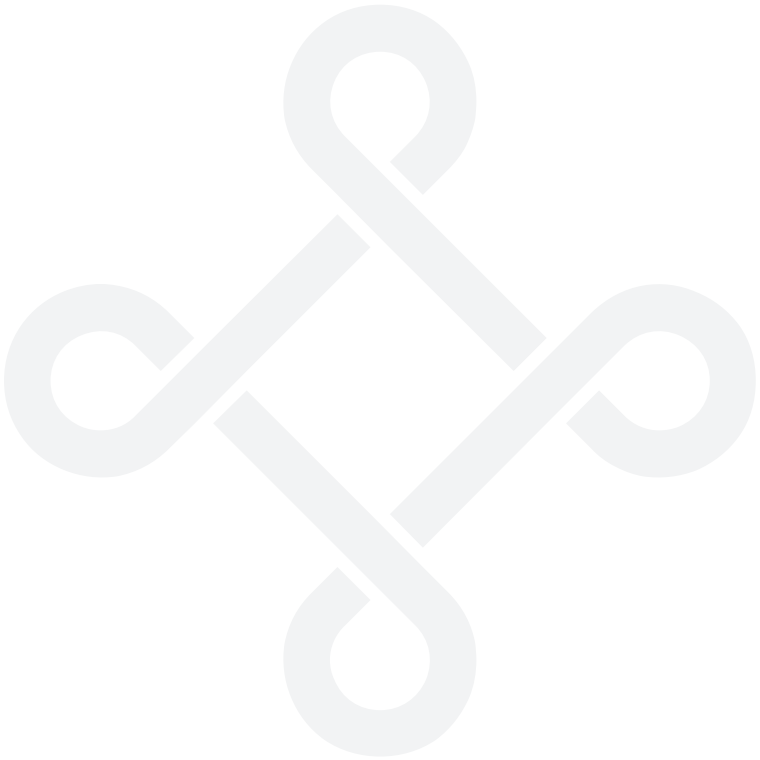


© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



TUAS PEGADAS

Prossigo frequentando tuas pegadas, continuo com novas perguntas beijando-te na minha memória, buscando provas da tua passagem. Festejo oportunas lembranças que chamam a alegria noite e dia, lastram meus ciúmes, perguntam por ti, prolongando o viver na tua companhia. O amor segue por isso, encerra o que sinto, é o chamado mistério que me reforça, agradecido por haveres existido.



OLHARES VELADOS

Teus olhares velados, povoados de gestos, sentimentos, falam de mim, expressam insinuantes leituras que se dirigem a rotas novas estendidas nos tapetes, nos lençóis, no corredor, na mesa, promovendo sequências de reconhecimento, contemporizando o zelo, contentando minha sede de ser amado.

VOLTAR AMADO

Escuta minha voz que te elege meu tudo, já que te fizestes palpável, promovi no teu corpo todas as festas que gostarias, tive o privilégio de reiterar-te o gozo inesperado. Fui teu porto, o que te rodeia, o riso, o susto, o esgotamento, habitei-te como se fosse teu conceito e tu minha resposta.



ESPERO QUE SE INSTALE

Sempre que possível, espero que se instale a esperança e que ela seja fácil de usar.

SONHOS PERDIDOS

Convalescendo dos sonhos perdidos, peço o comparecimento de algum consolo que torne mais efetivo o meu existir. O exílio causa dano à perseverança.



DOCES AMORES

Sabores doces dos amores em sua primeira declaração pousam suaves como pássaro, leve surgem do nada, convictos em possuir o lugar novo sem pedir licença, sem sabê-lo disponível ou não. Carregam histórias de mais e de menos, rigores permissivos, liberdades doídas, deixam rastros do já vivido e muito do ainda a viver.

PARA REPOUSAR

Sempre acreditei nas tuas palavras, tu verdadeira, eu falso, testemunho a duplicidade do jogo, do amor, do revelado e do escondido, quando me dou aos pedaços distribuindo esquecimentos, povoado de disfarces, arranjos e fugas. Só alcanço avançar apropriando-me do teu amparo, a cada instante preciso do teu abrigo para repousar, alimento ordenador que desperta um assombro e um carinho novo.



SEM TI

Minha vontade ficou tênue, decidi parar de estontear a razão. Sem ti, o espaço fica aberto para a melancolia, já não sei do meu destino. Então, refugio-me na agonia. Paro onde teu olhar não me alcança. Entristeço-me com tuas penas. Um bordão inventado como grito afugenta a espantosa solidão que faz sentir-me reduzido a algumas penas; sinto-me colateral.

BUSCO GARANTIA

Sempre haverá corações esquecidos das dores de amor, aqueles que fingem não saber sobre essas coisas fora de controle. Não se alfabetizam, não se compram. Dores profundas andam em tempo de paz fazendo feridas de guerra.



SAIR

Sofre teu sofrimento, quando chegue tua vez, faça-o suportável - é uma dor feita para os humanos, não te surpreendas se dali ressurgires sem padecimentos. Sob a forte impressão causada pela perda, delegue ao passado ser depositário dos teus segredos, deixe-os lá em caução. Dissipadas as penas, poderás retornar ao convívio dos humanos, buscando um melhor lugar para sofrer menos constante.

AS ORIGENS

Sendo indispensável para a vida, o amor oferece o sentido de uma concepção unitária desde onde a vida se perpetua e brota, sendo, a partir daí, a construção da vida mesma, iniciando-se como um ato íntimo, como um capítulo primeiro.



ANUNCIOS E OCASIÕES

Não há ocasião tão soberba que seja igual àquela dos encontros que aliviam as saudades. Presume-se que os amantes trocam segredos de estado, tal o sigilo que as almas repartem. Todo o bem desejado como cascata se distribui, superando os versos do mais poeta dos poetas, de tão admiráveis; irreproduzíveis. A soma dos fragmentos reinaugura uma nova façanha, superando a melhor das performances conhecidas até então. Primeiro, alegres pela possibilidade de voltarem a unir-se, depois um contentamento indescritível vertido

na alma, e que se espalhou por todas as células, anunciando a alegria da vida animada por desejos loucos, possíveis de satisfazer. Estar contente é um mérito aceitado, construído pelas partes e sustentado por fantasias que dão qualidade aos destinos.



PERDÕES MÚTUOS

Há que se pactuar perdões mútuos, saber que os acordos se rompem e as mudanças fazem temer. E que há sossego para os medos.

PARA QUANDO A HORA SEJA

Meu amor necessita encanto, mobilizações que o sustente porque ele busca triunfar na solidão, superar o cansaço pelo não vivido, afastar-se da ilusão que o desabita e convida a emudecer. Meu amor quer ter a proteção que lhe assegure abrigo em meio a tantas ameaças.



SIMPLES FOTOS TANTAS MEMÓRIAS

Espero que me alcance viver o suficiente para montar uma alegoria. Quero demonstrar nessa singular procura a feliz iniciativa. Sendo agente e participante, induzo uma busca ao passado. Busco viver poucas vezes acompanhado, já que intimidade e segurança não andam juntas. A pressa contradiz o tempo do prazer, que necessita tempo para viver. Restauro discretamente a vontade, fortifico os méritos que a curiosidade explora. Acrescento mais um gozo. Contrário as dúvidas, torna

assíduo o desejo como um combatente a enfrentar as decepções. Causar espanto é um convite menor a passar o resto da vida conversando a esse respeito e solicitando mais testemunhas. Aquelas das fotos são memória viva.

Não sei se é útil incluir uma testemunha que me devolva à sensatez, inspirar novas tranquilidades, fazer novas recomendações sem exigir-me recompensas. Esquecer nunca foi meu propósito.



RUMORES

Se fujo tanto de ti, é pelo tanto que te quero. Ouço tua voz, fujo, fazendo-te presente. Cada vez que me afasto, ouço rumores que vem do infinito; são teus olhos, teu gemido, e ainda que fuja em direção ao futuro, busco-te, me nutro no passado. É tanto esse amor, que me assusta. Vejo-te dentro da minha solidão, contemplativa, silenciosa para não me despertar, para não quebrar as minhas saudades. Reinvento na ausência velada, o

amor sincero que não revelamos. Não quero viver de esconder-te, tangenciar-te. Quero, contigo, ser coletivo, fundir em convergência, consentir que o melhor seja ver-nos, compor homenagens, palpar afetos mútuos já habituados a imaginar a coincidência do instante em que nos presentecemos raízes, sementes, fragrâncias, frutos, olhares confessos, cordiais, velando o medo e a vontade de estar. Abandono a solidão à deriva, vou em direção ao entusiasmo, levá-lo, ainda que assustado, aonde for o meu amor por ti.



AMOR À VIDA

Somos a única espécie com a capacidade de que a consciência seja seu destino. O amanhecer da consciência se produz logo depois da longa noite evolutiva da inconsciência. A consciência só desperta a luz do valor, bússola do sentido. Quando ela está madura, é quase impossível não amar a vida. O amor à vida conduz a honrá-la, a cuidá-la, a respeitá-la, a

comprometer-se com ela, a reverenciá-la, a aprofundar seus mistérios e desvelar seus princípios reitores. O amor à vida revela o sagrado da existência. Eleva o existir em nível do privilégio e da graça. Quem encontra a motivação de viver, cria um bem estar interno sempre predisposto a selecionar aquilo que valha a pena. O amor é contagiante e, por isso mesmo, perigoso, pode vincular-nos aos piores ou aos melhores. Estamos lançados ao desafio.



INDICAR

Fazer, mais que supor-se igual. Igualar os pesos, a fortuna, os valores, os caminhos, a mesma altura, as angústias, as coisas mínimas, a força e a fraqueza, igualar as faltas e os excessos, as invenções, as fantasias, os risos, as dores, o espanto e a surpresa, o consentimento, as dificuldades, as considerações e o respeito, o lirismo e as graças, igualar o estorvo, a paciência, as cores e o acesso, o encanto e as diversões.

Igualar a vergonha e a verdade, o impedimento e a permissão, a oferta, a humildade, o conhecimento e a oportunidade.

Desacostumar as vilanias, rechaçar a convicção dos armados, inabilitar os odiosos, os falsos amores e as promessas não cumpridas. Redundar cuidados, morrer mais tarde, absorver a bondade, organizar reações prudentes e convincentes, resistir ao prazer imediato e ao corruptor, aceder à inocência e a serenidade do amanhecer.



SAUDADES DE MIM

Tenho saudades de mim, daquele corpo simples que não precisava cuidar de forma e peso, nem alegar dores, e que hoje, rendido ao tempo, ao uso, cansado, me faz sombra. Abafo, enquanto posso, os gritos que me pedem saída da garganta inquieta, puxo do fundo dos olhos uma retina cansada, numa fatalidade caprichosa, a reconhecer as privações. Salva-se o

ânimo que se deleita com novas conquistas. Ponho em ordem a prosa, as gavetas entulhadas, a errônea forma do meu abdômen crescer. Novos sinais esboçando um prelúdio desconforme examinam minha paciência. Tenho notícias que me igualam aos demais, reduzo ao silêncio as minhas.



ENTRE O BARRO E O ABANDONO

Paro no extremo topo, vejo a cena que dali se descortina, enxergo telhados enxertados, roupas no varal, uma água de esgoto corrente como um rio negro, gritos de medo, choros desconsolados, uma menina perdida enxugando as lágrimas e pedindo por sua mãe, um ônibus que fura o sinal, vendedores ambulantes, uma ambulância que vazia que vara a rua gritando uma urgência que não tem. Vejo a superfície da rua com a cor incerta entre o barro e o abandono que envolve tanta gente.

QUANTO AINDA

Entre súplicas e convites, pôs-se em marcha o desperdício. Aquilo que deixou de vigorar, perdeu-se no caminho, retirou-se como uma felicidade desacreditada, um misto de delírio e sentença que me faz confessar que estive falando sério, vivendo triste, calando interrompido na seriedade daquele movimento. Deixei de medir as palavras, os prêmios, os desânimos, o tamanho do espanto, o prejuízo, o que cresci este ano, as provocações, o tamanho da cicatriz, quantos anos me faltam, a pressão arterial, a quantidade de arroz, o quanto ainda sou capaz de amar.



UM MUNDO COM ESPAÇO

Como criar um mundo com espaço para todos os anseios, em que se depositem as paixões e se derrame o amor sem contraposições nem desencorajamentos? Isso exige um intérprete virtuoso, extasiado frente ao corpo da natureza amada, potente.

VENCIDOS

Nos culpavam, se apoderaram das nossas liberdades. Vendendo fé e promessas de paraísos, se meteram nas nossas habilidades, falando de coisas eternas. Vencidos, fáceis de aceitar culpas, tementes dos deuses e dos homens, rezamos errado, levantamos barreiras no terreno equivocado. Sem terror, não nos avisamos de que o maior ardil deles é silencioso, diário, corrosivo; mente, invade a cama e a mesa, deixando-nos a todos vencidos. Incendiam de forma hostil nossa paz, põem a miséria, usam o não saber perder, nem morrer, enaltecem grandezas e desventuras, retorcem os valores para aplaudir ordens imperfeitas que conduzem a misturar deuses e adoradores, hemorrágicos a doadores. Retumbam nas sombras incertezas que, no fundo, nos afirmam que nesta luta não somos vencedores.

DEVOLUÇÃO

Copiosamente, choro pela falta de abrigo. Acelerado, suo avesso às surpreendentes fugas que me cercam e espantam, tento ficar livre do medo, há multidão de opostos, desolados, faltam liberdades, vertigens, águas claras, freios, consolos, sobram perigos.

Quero devolver as dores insanas, oferendas mal-intencionadas, corpos desalojados da virgindade, abraços inacessíveis; quero ensaiar o definitivo, umedecer o rosto na lágrima sincera, acatar meus enlouquecidos desejos como meus, retornar a quietude desobrigado de falar; quero testemunhar a solidão mesmo ameaçado de contágio e comoção. Canso de inaugurar virilidades, cobrir vazios que não me pertencem, constatar o pavor das vítimas e o descaso das omissões.

Delimito-me com sangue, pele, recolho os pedaços que restam depois de haver removido a indiferença que tudo encobre.

ASSUNTO DAS BUSCAS

Falo das buscas, dos espelhos, dos corredores paralelos, dos odores, dos olhares, do significativo, do profundamente tocante, do que se guarda simples, dos amores sem deixar rastros, das marcas dos ganhos naturais que se instalam com inclusão bem recebida, do carinho há muito desejado, dos complementos, das sequelas, das cicatrizes invisíveis, fundas, sem exatidão que aparecem iluminando tudo o que encontram.

Há amores que marcam o suficiente para deixar constar que por ali passou a harmoniosa paz das coisas perfeitas.



AMAR POR AMAR

Amar por amar as chagas, as feridas, amar gozando, amar de frente e de lado, inundar as camas e as mesas, voar amando, como bicho, a fundo, no fim do mundo, amar reatando, despedindo, amar pelos olhos, pelos poros, amar acreditando, mentindo, deitado, de joelhos.

Amar atravessando a rua, no trem, no corredor, no hospital, com e sem pijama, amar vertendo lágrimas e sangue, contagiado de alegria, morrendo de tristeza, amar na mão e na contramão, na quarta-feira, no sábado ou qualquer dia. Amar desesperado, correspondido, em pânico, amar autorizando o encontro, dispensando homenagens, amar sem piedade até o final, amar um amor profundo, passageiro, permanente, tardio ou recente. Amar cavalgando ou cavalgado, no claro e no escuro, de perto e de longe, amar real ou imaginado. Amar, amar até que se esgote temporariamente quase toda a vontade de amar.



OS SOZINHOS

Os sós, dificultados de se encontrar, atenuam sua prontidão. Notoriamente incompetentes para cobiçar, cimentar consideráveis sonhos. Sua continência transforma a habituação em uma urgente necessidade de amabilidades. Dilatadas, a aflição e a inquietude indiscretamente confessam a incapacidade dos

incrédulos. Desnudar o vazio é decifrar os restos ficados. Desatinados os sós, oferecem sua disponibilidade sem eleição, realizam o rito do desencontro. Eludir é a sua arte. Frente a frente renunciam, pois preparar uniões é um desafio censurado, o estar junto um ato pagão.



MATÉRIA PRIMA

Junto todo esse material de construção, de demolição, nele estão alojadas minhas saudades, portas e janelas colecionadas, recordadas. Invento uma mostra, misturo cheiros, caras, corredores escuros, o homem do saco, as piores notas do colégio, momentos, promessas, esquecimentos, a raiva promovida pelas desobediências, a autorização para sair desacompanhado, aprendiz de condutor de bicicleta e automóvel, a morte do meu companheiro de serenatas que nunca parou de tocar para mim, as dores de crescimento e minhas muitas despedidas.

DESCULPAS

Peço desculpas por falar de amor em um tempo de tantas dores. A solidão está em todas as grades, as decepções aumentam e a falta de aves anuncia descuidos, tristezas excessivas. Falar de amor faz de mim um estranho que segue com a alma nua. Invento palavras para declarar o quanto quero estar junto, como gosto de gostar, de fantasiar, de inventar histórias para colorir a melancolia. Ouso prever que seguirei assim. Chorarei comovido, viverei a dor que tiver, gozarei enquanto possa, sentirei a vida em cada ar, aposentarei meus medos para eleger novos fundamentos, menos sofridos. Deixo para o nunca mais as agonias, os desconfortos, as queixas cotidianas, os ódios pequenos, desgastantes.

ANTES QUE

Subitamente me pergunto para que servem tantas poesias se tenho que pôr-me a fazer todas as coisas todos os dias, aceitar a lentidão das mudanças, a preguiça da dissolução e os excessos de cuidados da construção, para que servem, se a modos de rituais repetem a perda de pedaços, as ausências, os ossos expostos e as mãos vazias. Para que servem tantas poesias se a solidão desafia o amor e a companhia e quase não se conserva a voz e a certeza, se a ferocidade arranca as asas e a pele e as renega cada vez que andam flutuando; se a solidão está pelas praças, molhes, ruas por onde passeiam os ventos e estacionam as flores e transportam os filhos para encher e deixar vazios assustado com a impiedade nossa de cada dia.

Antes de ficar só, não posso esconder que sonho com algo melhor.

BASTA

Basta de despedidas que desnudam o esquecimento, o amor. Não sei o que se passa, porém basta de noites bem dormidas, basta de perder o vigor, o cabelo, basta de trincheiras, de jogos perigosos, de equivocadas admirações, de abandonos intencionais, da gente fria, das cinzas que já não fumo e de enfermas ameaças, de amantes que nunca o foram e das namoradas que deixaram de ser. Basta das pequenas ambições que nunca alcançam nada, e da destruição promovida, da entrega submetida, do desespero acostumado e das violências de casa e da rua. Basta de arrancar o couro do triste e de empurrá-lo à euforia, basta de atos inexplicáveis que saem ao revés, que convocam à decepção e explodem a inocência em mil pedaços, atirados ao ar.

GRITO DE TANTA DOR

Espero que a saudade não cresça até inclinar o foco que evidencia a falta, o desvio que forceja minha paz, rompendo-a por cima, sem-cerimônia, fracionando o enredo, a passagem e a essência. Ainda posso sonhar e produzir, transportar a ave quieta, reunir os pontos para, juntos, isentarem-me de mais uma dor adicional. Carrego o pulso e uma arte que já não mais domino, receio a impaciência que me frequenta, as graduações e as submissões tratadas como familiares, ainda que se mantenham estranhas. A distância faz estragos em mim, mata instantaneamente, sentencia e fulmina cinzas, funda e molda o chumbo que se incorpora ao que me atormenta. Esta inesperada resposta rasga e esgota, vagueia e reveste, perco o mando da minha vida. Errantes, meus sentimentos acabam protestando, chamando o grito que leva a dor para fora, anunciando não caber mais dentro de mim.

ACUMULADAS ESPERANÇAS

Há em minha busca incessante um órfão sentir, um desconsolo que rechaça todas as possibilidades em que não estejas incluída. A exclusividade do meu desejo, antes de despertar-me alívio, lesa minha capacidade de relacionar-me contigo. Todo meu sentir nômade procura por ti. Necessito pôr ordem na minha vida, pois te quero mais que a mim.



DESVIVER

Para demonstrar que vale a pena, estreito meu vínculo, confirmo a consideração, o valor do meu empenho, da minha sede compartilhada, da motivação celebrada com o propósito de anunciar que há que desviver as pendências, deixar o passado no seu devido lugar, única saída para cumprir-se um destino próprio sem submissões cruéis a reiterar uma escravidão consentida.

Abandonando o talento para a dor, desenraizo os males, dou cabo das reiterações. Restaurar é uma forma benigna de eliminar dores, abolir a angústia desbordada e o sofrer dilatado.

AMOR

Imprevisível e aleatório esse sentimento expansivo que promete o inferno e o céu, a condenação e a salvação, conjugadas como se fossem último desejo. Nasceu sagrado, único, recém-inaugurado, parecendo uma mágoa regenerada, um arrependimento retomado, reparado, restituído sem desperdícios, apto para o melhor e o mais profundo sentir sem o que ele não se construiria.



JÁ NÃO TE BUSCAREI

Pareceu-me algo mais que um desvario acariciar uma longínqua lembrança convertida em bálsamo. Caprichos triviais criam e sustentam o voo dos sonhos. Ando buscando um desejo parecido ao meu para que sinta alívio, consolo que me ponha a degustar o viver. Às vezes duvido entre deixar verter lágrimas e contemplar os rumores que me emancipam da tristeza

que me acompanha quanto estou sem ti. Não lembro dor tão doída como a de perceber tua vazia presença invadindo-me. Gostaria de haver perdido o interesse frente a esse olhar sem rumo que me deixa invisível. Perco o equilíbrio quando, por cortesia, extrais um sorriso sem sentido, um abraço imitando outro antigo que, sem inspiração, não transporta mais quase nenhum carinho. Resulta-me difícil sob qualquer pretexto aproximar-me do cheiro que do teu corpo alcançava o meu promovendo tremores, taquicardias e suores. Esses aromas pendentes são mais lembranças que aromas. Não fosse um torturante vazio me rebelaria contra esses indesejáveis fechamentos.

Tento parar-me, empurrando minha decepção para outro lugar, onde existam aromas recíprocos, amores escondidos, sorrisos amigos, mãos e braços serenos e espontaneamente a mim dirigidos. Como não posso confiar em labirintos e promessas, não quero sobressaltos que me urjam passos insuportáveis. Não recordo de nenhum carinho emitido, o que hoje lembro é de um olhar que dilui e disfarça, pondo limites à minha necessidade de ser visto e mencionado. Vivo de teus apartes, me meti onde não me querias, e ainda que mantivesse o cuidado, não pude impedir a minha

desintegração. Aprisionei-me nos temas, poesias e perfumes que insistem em estampar teu rosto no dia que dedico a esquecer-te. Ainda me recordo das revelações, secreções, dos delírios sensuais, do suave gozo depois de passear em teu paraíso.

Poderia permanecer oculto o sórdido final de lentos e constantes olhares de agonia representando o nada. Seria mais fácil se fosse um amor passageiro. A decepção repetida golpeia, sustenta o sofrimento e o ódio.



PALAVRAS GUARDADAS

No silêncio mais avançado, guardo, os ruídos, os acontecidos que doem, em busca de alívio, alguma consolação, guardo tudo o que não posso e nem devo falar. Conferidas as desvantagens, aprovo por meio do voto de silêncio, reúno toda a coragem necessária para calar. Tendo submetido essa provação à tolerância, retorno ao ponto de partida para justificar tanto esforço.

Transporto alguma certeza de que será melhor assim, agito-me como água do mar e deixo transparecer uma tranquilidade, um desinteresse que dispensa complemento.

Vou-me de visita ao lugar dos guardados, exclusivamente para ver o estado de conservação das palavras, se a privação me tirou o sentido de dar-lhes o brilho, a força da expressão. Para continuar a viver, devo deixá-las viver, de vez em quando passeá-las sem obrigações.

As palavras voltam com força, tiram desforra do abandono recebido. Ao virem à luz, transgridam, desfiguram, reparam, agudizam, declaram, atingem, veiculam, afirmam, surgem como visitantes que saem do cárcere e vêm me ver, comparecem como testemunhas do acontecido. Vingam-se, surgem em festa, vão ao coração sem medo, estendem os braços, se auxiliam da alegria para atingir a margem oposta, atônitas, tentando entender a exclusão.

Roberto Curi Hallal

